



# Domínios da Imagem

## **A MULHER NO CANTEIRO DE OBRAS: UMA ANÁLISE DA CIDADE DAS DAMAS DE CHRISTINE DE PIZAN NUMA PERSPECTIVA DE HISTÓRIA CONECTADA<sup>1</sup>**

***THE WOMAN AT THE CONSTRUCTION SITE: AN ANALYSIS OF CHRISTINE  
DE PIZAN'S CITY OF LADIES FROM A CONNECTED HISTORY PERSPECTIVE***

**Adriana Vidotte<sup>2</sup>**

**Lorena da Silva Vargas<sup>3</sup>**

**História das imagens e as construções de gênero**

**Dezembro de 2024**

**Vol.18**

**DOI: 10.5433/2237-9126.2024.v18.50354**

**Submissão:**

**16/04/2024**

**Aceite:**

**26/06/2024**



**Resumo:** Christine de Pizan, em seu *Livro da Cidade das Damas* (1405), propôs a construção de uma cidade metafórica edificada por e para mulheres. Ainda que a cidade em questão pertencesse ao universo literário, na tessitura da obra, o emprego das linguagens escrita e pictórica relativas à construção civil referencia a efetiva materialização de uma cidade. Propomos, neste artigo, compreender a latente presença feminina nos canteiros de obras baixo medievais, ressaltando os serviços que estavam à cargo das mulheres, as oportunidades de trabalho e de formação técnica, bem como as questões salariais, tomando por ponto de partida a obra de Christine de Pizan e a atuação das mulheres na edificação alegórica de sua *cit  *.

**Palavras-chave:** História das mulheres; História da constru  o; iluminuras; *Livro da Cidade das Damas*.

**Abstract:** Christine de Pizan, in her *Book of the City of Ladies* (1405), proposed the construction of a metaphorical city built by and for women. Although the city in question belongs to the literary universe, in the fabric of the work the use of written and pictorial languages related to civil construction references the effective materialization of a city. In this article, we propose to understand the latent female presence in late medieval construction sites, highlighting the services that were in charge of women, job opportunities and technical training, as well as salary issues, taking as a starting point the work of Christine de Pizan and the performance of women in the allegorical construction of his *cit  *.

**Keywords:** Women history; Construction history; illuminations; *The Book of the City of Ladies*.

Entre os medievalistas, os estudos sobre as mulheres v  m se ampliando e ganhando novos contornos. Desde os anos 1980, buscou-se dar visibilidade   s mulheres, analisando os papéis que elas desempenharam ao longo da história<sup>4</sup> e, durante décadas, historiadores e historiadoras trouxeram à luz rainhas, infantas, nobres, religiosas, camponesas, mercadoras, intelectuais, destacando os lugares que ocupavam nas sociedades. Os estudos se ampliaram e, mais recentemente, pesquisadoras e pesquisadores voltaram-se para o lugar ocupado pelas mulheres nas atividades artísticas e nas constru  es. O gênero tornou-se uma categoria de análise fundamental e, no que diz respeito aos estudos sobre a Idade Média, tem-se observado

---

1 O presente artigo foi desenvolvido no âmbito do Projeto Temático "Uma história conectada da Idade Média: comunica  o e circula  o a partir do Mediterrâneo" (Processo FAPESP 21/02912-3).

2 Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, São Paulo (UNESP). Professora Associada na Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Mestrado Profissional em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: adriavidotte@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7463-9980

3 Doutoranda em História da Arte pela Universidad de Valladolid, Espanha (UVA). Pesquisadora contratada em forma  o no Departamento de História da Arte da Universidad de Valladolid (Uva). E-mail: lorenada.silva@uva.es. ORCID: 0000-0001-5281-3335

4 Em que pese os estudos sobre a família, realizados no âmbito da história demográfica dos anos 1960, terem conferido certa visibilidade às mulheres, foi nos anos 1980 que o sujeito feminino ganhou espaço na historiografia. Na década seguinte, a publica  o da obra *História das Mulheres* no Ocidente (na Itália e na França, entre 1990 e 1992; no Brasil, em 1993), sob a dire  o de Michelle Perrot e Georges Duby, revelava a expansão da área de estudo. Entre os cinco volumes da obra, destacava-se o volume II, dedicado à Idade Média, coordenado por Christiane Klapish-Zuber.



a necessidade de afastamento de uma lógica binária, que opõe homens e mulheres. Como bem observa Luciane Deplagne (2019, p. 27), essa lógica binária, “tão enfaticamente explorada na modernidade, não nos deixa, muitas vezes, enxergar bem outras formas de interação entre homens e mulheres fora da ordem de relações hierárquicas de poder, de opressão e submissão”. Acertadamente, a autora enfatiza que, para se alcançar uma efetiva discussão sobre as relações de gênero na Idade Média, é necessário colocar em foco as obras de autoria feminina (DEPLAGNE, 2019). É o que fazemos ao analisar o *Livro da Cidade das Damas*, de Christine de Pizan. Afinal, já destacava Jacques Delarum, na década de 1990, que os homens que escreviam sobre as mulheres no período medieval tinham uma convivência bastante reduzida (se não nula) com elas (DELARUN, 1993).

Este artigo se divide em quatro partes. Na primeira, apresentamos uma reflexão acerca das ideias sobre o ser feminino que circulavam no Ocidente nos séculos finais da Idade Média. Na segunda, fazemos um breve estudo da cidade de Christine de Pizan. Na terceira, analisamos as iluminuras contidas na cópia do *Livro da Cidade das Damas* pertencente ao Duque de Berry, nas quais as mulheres são figuradas realizando o trabalho de edificação de sua cidade. Na quarta, discutimos a presença das mulheres nos canteiros de obra medievais.

## 1. QUERELA DAS MULHERES: IDEIAS CONECTADAS

A obra de Christine de Pisan foi escrita em um contexto no qual crescia o volume de obras que colocavam as mulheres em evidência, em debates e textos, ocasionado o movimento denominado *querelle des femmes*. Esse debate ganhou volume com a publicação de uma nova versão da obra *Roman de la Rose*, levada a cabo por Jean de Meun, que conferiu a ela um discurso moralista e antifeminino.<sup>5</sup> Nos debates que se realizaram, Christine foi uma figura central.

Em que pese ter ganhado maior amplitude em Francia, o debate sobre as mulheres, que se estendeu por aproximadamente quatro séculos, não se limitou àquele reino, tendo se manifestado em outras regiões do Ocidente. Alguns estudos indicam que a querela encontra antecedentes na Itália, em um grupo de poetisas que escreveram por volta de 1360, coincidindo, de acordo com Arriaga Flórez e Daniele Cerrato (2021), com a publicação da obra de Boccaccio *De Claris Mulieribus* (1361). Nos escritos dessas poetisas se identificam sinais de protesto pela condição da mulher, como no soneto de Leonora della Genga, “Callad hombres”:

*Callad, no digáis que Naturaleza  
solo en hacer varones se recrea,  
mientras que a las mujeres no da idea  
ni con gana, cuidado, ni agudeza.  
Quizás envidia o por tenaz torpeza  
Ignora vuestra mente, aunque lo vea*

---

<sup>5</sup> A obra foi escrita inicialmente, e de forma inacabada, por Guilherme de Lorris, cerca de 30 anos antes da versão de Jean de Meun, que a completou.



que al crearlas toda su fuerza emplea  
¿Dónde está vuestra gloria o altiveza?  
Sabén las damas manejar la espada,  
gobernar imperios y encontrar  
el camino que lleva hasta Helicon.  
Vuestro valor decae aún en mesnada,  
hombres, frente a ellas, muy a vuestro pesar  
son tan dignas de aprecio y de corona. (Leonora de la Genga, apud ARRIAGA  
FLÓREZ e CERRATO, 2021, p. 129)

Estudos sobre a querela na Península Ibérica, por sua vez, indicam que ela teria se iniciado na corte de Juan II de Castela (1406-1454). Os textos de Francesc Eiximenis, *Libre de les Dones*, escrito cerca de 1388, e de Bernat Metge, *Lo Somni*, cerca de 1399, são tomados como exemplos de obras que defendiam as mulheres. Do século seguinte, os estudiosos destacam as obras de Alonso Fernández de Madrigal, *Las Cinco Figuratas Paradojas*, publicada em 1437, e de Juan Rodríguez del Padrón, *Triunfo de las Donas*, publicada em 1438 e 1445, esta última considerada “la primera obra en la que la defensa de las mujeres se formula de forma explícita y se manifiesta como argumento central” (VARGAS, 2013, p. 266). Destacam-se, ainda, as publicações posteriores do *Tratado en Defensa de las Mugerres* (1444-1445) de Mosén Diego de Valera, e o *Jardín de las Nobles Doncellas* (1469) de Fray Martín de Córdoba (ARRIAGA FLÓREZ e CERRATO, 2021).

A querela das mulheres envolve uma série de discussões polêmicas sobre o termo, as origens do debate, os contornos geográficos, entre outras. Embora não seja nosso propósito aprofundar o assunto, essas discussões nos ajudam a compreender que a querela, desde suas origens, possuía uma dimensão europeia, como afirmam Mercedes Arriaga Flórez e Daniele Cerrato (2021, p. 128): “Sus textos se traducen a diferentes lenguas, influenciando diferentes culturas y poniendo de manifiesto una de las primeras redes temáticas europeas que todavía conserva su vigencia en el presente”. Destacam os historiadores que diferentes estudos demonstram a pluralidade de gêneros de escrita nos quais se desenvolve a *querella*, além dos textos filosóficos, poesia, diálogo, epistolários, necrológicos, tratados sobre medicina, educação etc. (ARRIAGA FLÓREZ e CERRATO, 2021).

Neste artigo, que se propõe a analisar o *Livro da Cidade das Damas*, ao considerar a dimensão europeia da querela das mulheres, entendemos a obra de Pizan como um exemplo de recepção, contestação, articulação e circulação de teorias sobre a mulher no Ocidente. Entendemos que, no âmbito das discussões que colocavam a mulher como tema, a resposta de Pizan foi das mais contundentes e relevantes, mas não se sobrepunha e ao mesmo tempo não se distanciava de outras abordagens encontradas no Ocidente. Afirmamos, com isso, a nossa compreensão de que os mesmos processos de transmissão podem ter ocasionado diferentes nuances da querela no Ocidente e, assim, nos afastamos de uma perspectiva homogeneizante.

A percepção de uma dimensão europeia da querela nos ajuda a colocar a questão das mulheres construtoras no âmbito da circulação de ideias e conceitos do feminino nos séculos finais da Idade Média, e associá-la com a circulação da obra aristotélica. Discutindo os

trabalhos da filósofa Prudence Allen e da medievalista Milagros Rivera, Cláudia Brochado (2019) resalta a relação da *querelle des femmes* com a chamada “Revolução aristotélica”. Para aquelas autoras, a partir da segunda metade do século XIII, o Ocidente teria sido marcado por uma mudança na política sexual, verificando-se uma tendência à polaridade nas relações entre os sexos e dos sexos. A partir de então, a afirmação e circulação da ideia de uma superioridade masculina foi acompanhada do fechamento dos espaços de presença feminina. De acordo com Brochado, a política sexual

refere-se às relações de poder definidas pelo sexo, o dado biológico expresso ao nascer, e que nas sociedades patriarcais subjugam as mulheres tanto pela função sexual quanto por sua capacidade reprodutiva; política que terá formas variadas dependendo da cultura e da época. (Brochado, 2019, p. 69)

Essa ideia teria sido potencializada com a circulação das obras de Aristóteles. Na *Política* (I, 5, 1254b 12-13), Aristóteles afirma que “*a relação entre homem e mulher consiste no fato de que, por natureza, um é superior, a outra, inferior, um governante, outra governada*”; consequentemente, “*a relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade*”. Para a filósofa norte-americana Prudence Allen, o pensamento aristotélico relativo às mulheres foi fundamental para a mudança na política sexual medieval, já que, para o filósofo grego, a faculdade racional não se apresentava em igual proporção em todos os seres humanos, e as mulheres tinham capacidade racional inferior. Logo, as mulheres, devido à sua incapacidade de pensar de forma ordenada, precisavam ser dirigidas pelos homens, aos quais deviam obediência. Dessa forma, a disseminação das obras de Aristóteles – para a qual as universidades tiveram um papel fundamental – teria ocasionado uma “revolução aristotélica”, pois, pela primeira vez, teria se formatado e circulado no Ocidente uma única teoria para conceituar a mulher (ALLEN, 1985; RIVERA GARRETAS, 2006).

Se, por um lado, a percepção de uma dimensão europeia da querela nos ajuda a colocar a questão das mulheres construtoras no âmbito da circulação de representações do ser feminino nos séculos finais da Idade Média, por outro, as iluminuras da edição do *Livro da Cidade das Damas* de Christine de Pizan, que ora analisamos, nos permite desviar o olhar para o lugar ocupado pelas mulheres nas construções medievais. Dessa forma, a reflexão crítica sobre os embates em torno de conceituações do ser feminino, construídas a partir de ideias que circulavam no Ocidente, é o ponto de partida para a análise a presença das mulheres nos canteiros de obra medievais.

Desde já, vale salientar que não se trata de uma interpretação das iluminuras como representações do cotidiano feminino medieval; nossa intenção é destacar que as imagens instigam a reflexão sobre os papéis assumidos pelas mulheres na Idade Média, denotando certa verossimilhança na construção da cidade de Pizan. A obra dá pistas sobre as mulheres na construção, no que se refere à arquitetura e aos canteiros de obra. Como veremos, Christine de Pizan está atenta ao tema. Na obra, ela lamenta que as mulheres não eram formadas para arquitetar as obras. Contudo, a presença das mulheres nos canteiros de obra não era infrequente no Ocidente e certamente não era ignorada pela escritora.





## 2. A CIDADE DE CHRISTINE DE PIZAN

*Coge ya tu pluma como si fuera una pala de allanar el mortero y date prisa para llevar a cabo con ardor esta obra.*<sup>6</sup> (CHRISTINE DE PIZAN)<sup>7</sup>

Por volta de 1405 foi publicada, em França, o *Livro da Cidade das Damas*, obra literária em prosa, escrita em língua romance francesa. Como afirmado anteriormente, a autora buscou, essencialmente, fazer da obra uma resposta pública à versão do *Romance da Rosa*, escrita por Jean de Meun entre 1225 e 1285. Em oposição ao *Romance da Rosa*, que associava a “inconstância” e a “nociva sensualidade” à figura feminina, *A Cidade das Damas* exaltava a força, a autonomia e a sabedoria femininas ao destacar mulheres exemplares nas artes liberais e mecânicas, ressaltando, ainda, modelos de conduta provenientes dos âmbitos religioso e mitológico, reunindo-as no espaço alegórico de uma cidade literária. Alertava às suas leitoras: “*Rechazad a los hipócritas que se valen de las armas de la seducción y de falsos discursos para robaros vuestros más preciados bienes, el honor y una hermosa fama*”<sup>8</sup> (PIZAN, 2001, p. 274), uma referência à violação física e moral da dama expressa no *Romance da Rosa*. A maneira como Pizan apresenta seu posicionamento, a partir de reflexões autogestadas, reflete a cautela em questionar parâmetros nos quais ela mesma se encontrava imersa:

*[...] me puse a examinar mi carácter y mi conducta y también la de otras muchas mujeres que he tenido ocasión de frecuentar, tanto princesas y grandes damas como mujeres de mediana y modesta condición, que tuvieron a bien confiarme sus pensamientos más íntimos. Me propuse decidir, en conciencia, si el testimonio reunido por tantos varones ilustres [acerca de la naturaleza y conducta de las mujeres] podría estar equivocado.*<sup>9</sup> (PIZAN, 2001, p. 64)

No decurso de suas reflexões, Christine se pôs, também, a criticar o modo como autores, dentre eles Ovídio, Checco d'Ascoli e Cícero, construíram a figura feminina em suas obras, e acusava-os de perversão, inveja, ódio e indiferença para com as mulheres. Paralelamente, destacava as qualidades do gênero feminino e rechaçava a ideia de sua inferioridade como propósito de Deus. Como justificativa, citava o poder da fala feminina ao fazer referência a Maria Madalena, que proclamou a Ressurreição de Jesus; o poder da bondade maternal, ao destacar o acolhimento às crianças, tal como Jesus havia recomendado nos Evangelhos; o

<sup>6</sup> “Pegue já sua pena como se de uma espátula de aplanar argamassa se tratasse e apressa-te para desenvolver com ardor esta obra”.

<sup>7</sup> Para este estudo, consultamos a tradução ao espanhol da obra de Pizan, publicada em 2001. Por outro lado, para a análise das iluminuras foi utilizado o manuscrito francês pertencente ao Duque de Berry (1340-1416).

<sup>8</sup> “Refutem os hipócritas que se valem das armas da sedução e de falsos discursos para roubar-lhes vossos mais apreciados bens: a honra e seu bom nome”.

<sup>9</sup> “Me pus a examinar meu caráter e minha conduta e a de outras muitas mulheres que tive a ocasião de conhecer, tanto princesas e grandes damas como mulheres de média e modesta condição, que tiveram por bem confiar-me seus pensamentos mais íntimos. Me propus a decidir, em consciência, se o testemunho reunido por tantos varões ilustres [acerca da natureza e conduta das mulheres] poderia estar equivocado.”



poder das lágrimas, ao recorrer ao exemplo das irmãs Marta e Maria, que comoveram Jesus e o levaram a ressuscitar Lázaro. Para além das passagens bíblicas, virtudes como a fidelidade, o amor, a empatia e a discrição são exemplificadas por meio de anedotas históricas, cujas protagonistas são mulheres provenientes das mais diversas conjunturas econômicas e sociais.

O *Livro da Cidade das Damas* buscava ser um modelo de conduta e incumbência social às mulheres em sua pluralidade, motivo pelo qual o uso da língua vernácula foi determinante para alcançar um amplo público leitor. Na obra, os modelos de conduta eram não apenas as mulheres do passado, mas, também, três virtudes personificadas em damas: Razão, Justiça e Retidão. A abertura e a legitimidade com que Christine de Pizan tratou a inserção feminina nos mais variados âmbitos laborais foi ponto chave à *querelle des femmes*, que buscava discutir o papel das mulheres na sociedade.

A partir da epistemologia do “feminismo da diferença” (SEGURA GRAÍÑO, 2016) podemos observar o comportamento feminino, bem como as possibilidades e limitações encontradas no âmbito de seu próprio gênero e de seu próprio contexto histórico, sem utilizar como parâmetro o gênero masculino e sua atuação na sociedade. Com base nessa perspectiva, entenderemos como as oportunidades se expandiam em diversos casos e como a *querelle des femmes* contribuiu para repensar tais possibilidades de atuação. Como expressa Christine de Pizan:

*si la costumbre fuera mandar a las niñas a la escuela y enseñarles las ciencias con método, como se hace con los niños, aprenderían y entenderían las dificultades y sutilezas de todas las artes y ciencias tan bien como ellos. Ya se han dado esas mujeres, como te he indicado antes. Además, como la mujer tiene el cuerpo más delicado y débil, no puede emprender tantas tareas y así aplica mejor su mente, la tiene más libre y más aguda.*<sup>10</sup> (PIZAN, 2001, p. 119)

A cidade referida por Christine não diz respeito a um espaço urbano edificado e habitado por mulheres *ipsis litteris*, mas a uma cidade literária cujos blocos seriam as próprias figuras apresentadas no decurso da obra, tal como garante a dama Razão: “*Te proveeremos de materiales más duros y resistentes que bloques de mármol macizos*”<sup>11</sup> (PIZAN, 2001, p. 70). No enredo, a construção civil aparece como um dos espaços abertos à atuação feminina. A autora defende a necessidade de suas leitoras conhecerem materiais e técnicas para supervisionar o trabalho de seus contratados e considera a formação feminina em oficinas especializadas, a fim de tornarem-se oficiais<sup>12</sup> ou mesmo chegarem a mestras de obras<sup>13</sup>, cujo conhecimento perpassava a geometria e a aritmética.

10 “[...] se o costume fosse mandar as meninas à escola e ensiná-las as ciências com método, como se faz com os meninos, aprenderiam e entenderiam as dificuldades e sutilezas de todas as artes e ciências tão bem quanto eles. [...] Além disso, como as mulheres têm o corpo mais delicado e frágil, não podem empreender tantas tarefas [físicas] e, assim, aplicam melhor sua mente, pois a tem mais livre e mais aguçada.”

11 “Te proveremos de materiais mais duros e resistentes que blocos de mármore maciços.”

12 Aquele que aprendia determinado ofício sob a tutoria de um mestre em uma oficina. Ao finalizar os estudos, tornava-se oficial e poderia trabalhar em oficinas especializadas ou abrir a sua própria. Nesse último caso, deveria passar por exames específicos por parte de sua corporação, tornando-se mestre em sua especialidade (mestre pedreiro, mestre carpinteiro, mestre vitralheiro etc.).

13 Profissional que reunia as funções contemporâneas de arquiteto e engenheiro. O mestre de obras contratado para levar a cabo uma edificação, planejando-a e contratando funcionários, deveria ter formação plural, dominando as técnicas de

A atenção à intelectualidade feminina nas diversas áreas prevaleceu como resposta à perspectiva de que aquela qualidade laboral “não era de domínio feminino”, como declarava Tomás de Aquino (BROCHADO, 2019, p. 82). Christine de Pizan, nesse sentido, buscou enaltecer os ofícios da mente, as ciências e as técnicas. Ainda assim, no que diz respeito à arte da construção, a autora confessa: “*Pobre de espíritu, no estudié ni la geometría ni el arte y todo ignoro de la ciencia de la arquitectura y de las artes de la albañilería*”<sup>14</sup> (PIZAN, 2001, p. 74). Uma vez que a teoria se exalta no conteúdo da obra, a prática construtiva se enaltece na elaboração do texto. Na metáfora da cidade em construção, a autora lança mão de termos arquitetônicos para ilustrar seu labor, transformando-se na mestra de obras da *Cidade das Damas* e sendo orientada por suas auxiliares e oficiais, nada menos que as três virtudes.

### 3. DAMAS ILUMINADAS

A principal referência ao âmbito construtivo encontrada no texto, para além do emprego de jargões, está nas iluminuras, nas quais as mulheres são figuradas realizando todo o trabalho relativo à edificação de sua cidade. Ali, Christine e as três damas, Razão, Justiça e Retidão, atuam desde a idealização e direção das obras até a execução das tarefas mais especializadas, chegando ao trabalho auxiliar, sempre sob o patronato e a intercessão de mulheres nobres e religiosas.

As iluminuras encontradas na edição manuscrita da obra aqui estudada, cujo proprietário foi o Duque de Berry (1340-1416), são de autoria de iluminador(a) anônimo(a), referido(a) apenas como “Mestre da ‘Cidade das Damas’”. Apesar da denominação, acredita-se que tenha realizado, junto à sua oficina em Paris, diversos outros trabalhos em parceria com Christine de Pizan, alcançando reconhecimento dentro e fora de França.

O talento feminino nas artes mecânicas é ressaltado por Christine ao trazer o caso de Anastácia, uma iluminadora que trabalhou em sua oficina literária:

*A propósito de mujeres dotadas para la pintura, yo conozco una pintora llamada Anastasia, que tiene tanto talento para dibujar e iluminar las figuras de los adornos marginales y los paisajes de fondo en las miniaturas que no se podría encontrar en París, donde viven sin embargo los mejores artistas del mundo, uno solo que la supere. Nadie ejecuta mejor que ella los motivos florales y adornos de los manuscritos, y como se tiene en gran estima su trabajo, siempre le encargan la ilustración de los libros más valiosos. Lo sé por experiencia, porque ella ha pintado para mí ciertas miniaturas que, según una opinión unánime, son aún más bellas que las de los grandes maestros.*<sup>15</sup> (PIZAN, 2001, p. 141)

---

alvenaria, cantaria e carpintaria, além de ter conhecimentos de geometria.

<sup>14</sup> “Pobre de espírito, não estudei nem a geometria nem a arte e tudo ignoro sobre a ciência arquitetônica e as artes da construção.”

<sup>15</sup> “A propósito de mulheres dotadas para a pintura, conheço uma pintora chamada Anastácia, que possui tanto talento para desenhar e iluminar as figuras dos adornos marginais e as paisagens de fundo nas miniaturas que não se poderia encontrar em Paris, onde vivem, entretanto, os melhores artistas do mundo, um só que a supere. Ninguém executa melhor que ela os motivos florais e adornos dos manuscritos, e como se tem em grande estima seu trabalho, sempre a encargam ilustrações dos livros mais valiosos. Sei disso por experiência, porque ela pintou para mim certas miniaturas que, segundo





Apesar dos indícios, não se pode afirmar, todavia, que Anastácia e o chamado “Mestre da ‘Cidade das Damas’” foram a mesma pessoa. Sabe-se, em acréscimo, que a própria autora se dedicou a desenvolver o programa iconográfico e as iluminações de alguns de seus manuscritos (SOUZA, 2013).

Trataremos agora da iluminura presente no folio 2 (Imagem 1), composta por duas cenas.

**Imagem 1** - *La Cité des Dames*, fl. 2.



Biblioteca Nacional da França, Paris.

Na primeira delas (Imagem 2), localizada do lado esquerdo da miniatura, Christine de Pizan é identificada pela veste azul, adotada pela autora em suas obras no início do século XV. A cor, símbolo do poder nobiliário, transmitiria a ideia da nobreza de virtudes para com os seus leitores, tais como a lealdade e a sinceridade, como destacou o compositor e poeta Guillaume de Machaut (1300-1377) em sua canção “Qual das cores”: “[...] *mais ne doutez pas / que le bleu signifie loyauté*” (VILLELA-PETIT, 2020)<sup>16</sup>. Aquela imagem associada à autora contribuiria para a veracidade de seus escritos frente às injúrias contra as quais lutava.

A cena abarca o quarto de estudos de Christine, onde recebe a visita das três nobres damas alegóricas que fomentariam e orientariam a construção da cidade. Tal momento foi assim descrito no texto, pela autora:

*[contemplaba] la gran belleza de su rostro, la suntuosidad del atuendo y su suprema distinción. Como lo mismo se podía decir de las otras dos Damas, yo no sabía hacia cuál de ellas dirigir la mirada; en efecto, se parecían tanto que costaba establecer una diferencia entre ellas (...). Yo me quedaba de pie ante ellas en señal de respeto, mirándolas en silencio como arrobada y sin habla.*<sup>17</sup> (PIZAN, 2001, p. 68)

opinião unânime, são ainda mais belas que as dos grandes mestres.”

<sup>16</sup> “Mas não duvide/ que o azul significa lealdade.”

<sup>17</sup> “[contemplava a] grande beleza de seu rosto, a suntuosidade do traje e sua suprema distinção. Como o mesmo se poderia dizer das outras duas Damas, não sabia a qual delas dirigir o olhar: efetivamente, se pareciam tanto que era difícil estabelecer

Imagem 2 - *La Cité des Dames*, fl. 2, detalhe.



Biblioteca Nacional da França, Paris.

A dama Razão, vestida de amarelo, se apresenta à autora carregando um espelho na mão direita, como um apelo à introspecção e ao autoconhecimento por parte de Christine de Pizan, como ponto de partida para a realização de sua obra. Na parte IV do texto, Razão revela a Christine o papel que assumiria na construção da cidade:

*De común acuerdo las tres hemos decidido que yo te proporcione un mortero resistente e incorruptible, para que echas sólidos cimientos y levantes todo alrededor altas y fuertes murallas con anchas y hermosas torres, poderosos baluartes con sus fosos naturales y artificiales, como conviene a una plaza tan bien defendida. Bajo nuestro consejo cavarás hondos cimientos para que estén seguros y elevarás luego las murallas hasta tal altura que jamás ningún adversario las haga peligrar.*<sup>18</sup> (PIZAN, 2001, p. 71)

A fim de “preparar a terra” e “consolidar os alicerces” da cidade literária, Razão fomenta a reflexão de Christine sobre a beleza e a divindade da natureza feminina, limpando de sua consciência todas as injúrias acerca do corpo e do potencial femininos, e fortalecendo sua

---

uma diferença entre as três. (...) Eu ficava de pé ante elas em sinal de respeito, observando-as em silêncio, estarecida e sem fala.”

18 De comum acordo as três decidimos que eu te proporcionarei uma argamassa resistente e incorruptível, para que faças sólidos alicerces e levantes ao redor altas e fortes muralhas com largas e belas torres, poderosos baluartes com seus fossos naturais e artificiais, como convém a um limite tão bem definido. Sob nosso conselho, cavarás profundos alicerces para que estejam seguros e elevarás logo as muralhas até tal altura que jamais nenhum adversário as ponha em risco.”

autoconfiança.

A Retidão, que como Christine se veste de azul, leva consigo um cetro, “*que delimita como una recta regla el bien y el mal, lo justo y lo injusto*”<sup>19</sup> (PIZAN, 2001, p. 72), sendo útil à autora para medir os edifícios a serem construídos. À cargo da dama Retidão estaria a elevação das alvenarias que teriam lugar na cidade das damas, bem como o preparo das pedras de cantaria para tal logro. Seu cetro serviria, assim, como régua, compasso e esquadro, como instrumento de razão para edificar a cidade.

A terceira dama, Justiça, veste-se de manto vermelho, cuja intensidade se associava ao luxo e ao poder. Assim como ocorria com o azul, procedente do lápis lazúli, a laboriosa obtenção do vermelho, nesse caso com uso da cochinha, encarecia os objetos, tornando-se acessíveis apenas às classes altas (PASTOUREAU, 2016). Carrega na mão direita uma jarra com ouro fino correspondente à medida empregada por Deus para devolver aos homens e mulheres tudo aquilo que lhes é de direito, conforme suas ações em vida. De acordo com Justiça, ela havia sido, dentre as três, a escolhida para auxiliar Christine nos remates finais da cidade:

*Será responsabilidad mía rematar con oro fino y pulido los tejados de las torres, mansiones y casas palaciegas. Terminada la Ciudad, la poblaré para ti con mujeres ilustres y traeré una gran reina a quien las demás damas rendirán homenaje y pleitesía. Con tu ayuda quedará la Ciudad cerrada con fortificaciones y pesadas puertas que bajaré del cielo. Después pondré las llaves en tu mano.*<sup>20</sup> (PIZAN, 2001, p. 73)

Ao se tratar do conjunto da iluminura no folio, o quarto de estudos de Christine aparece ao lado do canteiro de obras, se apresentando como uma espécie de oficina junto ao canteiro para dar suporte aos trabalhos.

Na segunda cena da iluminura (Imagem 3), a metáfora da construção da cidade ganha vida. Christine de Pizan torna-se efetivamente a mestra de obras, especialista na arte da construção ao aparecer manipulando uma espátula e aplicando a argamassa de assentamento dos blocos de pedra da muralha. Tal como é indicado no excerto citado, a autora é auxiliada pela Justiça, que carrega os silhares. A fôrma das pedras, enviada pela dama Retidão, também aparece na cena, junto aos blocos.

---

19 “Que delimita como uma régua o bem e o mal, o justo e o injusto.”

20 “Será responsabilidade minha rematar com ouro fino e polido os telhados das torres, mansões e casas palacianas. Terminada a Cidade, a povoarei para ti com mulheres ilustres e trarei uma grande rainha a quem as demais damas renderão homenagens. Com sua ajuda deixarei a Cidade fechada com fortificações e pesadas portas que trarei do céu. Depois porei as chaves em suas mãos.”

**Imagem 3** - *La Cité des Dames*, fl. 2, detalhe.



Biblioteca Nacional da França, Paris.

Em suma, Christine e as três virtudes aparecem no texto exercendo funções de mestres de obras, demarcando o solo, traçando as plantas e orientando as obras exercendo as funções de mestres pedreiros, dedicando-se aos alicerces e à alvenaria; de mestres canteiros, preparando os blocos de pedra; e de mestres carpinteiros, trabalhando o madeiramento dos telhados. Executavam, ainda, funções diversas no canteiro alegórico, como a de trasladar materiais, atividade própria dos serventes ou peões.

A iluminura que aparece na sequência (Imagem 4) localiza-se no folio 31v. Nela, a dama Retidão, na companhia de Christine de Pisan, traz à cidade as mulheres que a edificarão, servindo como blocos rígidos e invioláveis. Na cena, a cidade, já fortificada e calçada, aparece em construção, com suas torres e palácios em evidência. Nota-se, ainda, a presença de uma mulher trabalhando nos telhados, erigindo o madeiramento com uma grua de madeira.

Imagem 4 - *La Cité des Dames*, fl. 31v.



Biblioteca Nacional da França, Paris.

Na terceira e última iluminura historiada presente nesta versão do *Livro da Cidade das Damas* (Imagem 5), Justiça traz consigo a rainha que regerá a cidade: a própria Virgem Maria. Frente à porta da muralha, à direita da cena, a dama aparece ajoelhada em frente à Mãe de Jesus, que aparece com seu manto azul, coroada e santificada, portando um cetro e um livro. Junto a Maria está seu exército celeste, composto por mulheres santas que também habitarão a cidade, dentre as quais Santa Catarina de Alexandria e Santa Anastácia. Junto a Justiça, também ajoelhadas em sinal de respeito e devoção às damas santificadas, estão as habitantes da cidade. “*Alabada seas eternamente. Sálvanos, Señora Nuestra, ruega por nosotras a tu Hijo que todo te lo concede*”<sup>21</sup> (PIZAN, 2001, p. 252), clama Justiça à Virgem.

<sup>21</sup> “Louvada sejas eternamente. Salva-nos, Senhora Nossa, e rogue por nós a teu Filho que tudo lhe concede.”



**Imagem 5** - *La Cité des Dames*, fl. 67v.



Biblioteca Nacional da França, Paris.

## 4. MULHERES CONSTRUTORAS NA EUROPA MEDIEVAL

O trabalho feminino na construção civil não se limitou à cidade de Christine de Pizan. Na Espanha medieval, elas atuaram em aproximadamente 80% das obras públicas, dando vida a grandes cidades e corpo a importantes edifícios, dentre os quais a própria Catedral de Toledo, entre os séculos XIII e XV (ROFF, 2010).

Nos mundos rural e urbano cabia à mulher, predominantemente, para além dos cuidados com o lar e a família, as tarefas manuais em detrimento das intelectuais. Ao passo que, fora das muralhas, atuavam com o mesmo afincamento tanto nas atividades agrícolas quanto na edificação e reparo das casas e produção de objetos domésticos; nos centros urbanos, elas chegavam ao canteiro de obras por meio dos “mercados de trabalho”, instalados pela cidade a fim de recrutar trabalhadores. Também poderiam chegar aos canteiros de obras por indicação de algum conhecido ou parente já inserido na obra ou, ainda, por intermédio de seus mestres, nos casos em que havia um contrato de aprendizagem firmado pelo pai para uma filha (ROFF, 2010).

Em seus estudos sobre a participação das mulheres na construção civil medieval, Shelley Roff destaca que, na França de Christine de Pizan, metade da força de trabalho realizada entre 1365 e 1371 para a construção do Colégio de Périgord, em Toulouse, era feminina. Ali, os homens ajudavam a colocar cestas carregadas de pedras sobre suas cabeças, garantindo o

transporte do material no canteiro. Referente a isso, no capítulo VIII do *Livro da Cidade das Damas*, ao começar a cavar a terra para os alicerces de sua cidade, Christine recebe auxílio da Razão, que transporta nos ombros cestas carregadas de terra (PIZAN, 2001, p. 75).

Os primeiros registros na Hispania datam do século XIII, em Navarra, ainda que a contratação de mulheres por jornada de trabalho se tornaria evidente apenas no século seguinte. Em Sevilha, no ano de 1385, mulheres trabalhavam como auxiliares de pedreiros e tapeiros e como serventes, carregando materiais nos ombros para servir aos oficiais das obras. Também transportavam água, preparavam a argamassa, cuidavam da limpeza e da alimentação dos funcionários, cavavam valas para as fundações e operavam maquinaria movida à tração humana. Seu trabalho se estendeu a diversas obras públicas, como edifícios, pontes e muralhas. Roff se atenta, também, à condição salarial das mulheres hispânicas que trabalhavam nas obras da Catedral de Toledo: essas recebiam a metade da remuneração de um diarista homem para exercer as mesmas funções, dentre as quais estavam varrer a Catedral, preparar a cal e realizar serviços no telhado.

Também López Beltrán (2010) encontrou registros nos quais a mulher servente recebia o equivalente à metade da remuneração de um colega do sexo masculino, com exceção das que preparavam as argamassas, que poderiam receber o mesmo que os demais serventes. As remunerações reduzidas eram justificadas, ao que tudo indica, tanto por se apresentarem como uma solução para baixar os custos das obras quanto por uma interpretação bíblica de Levíticos (27,3-4), em que aos homens se deveria atribuir cinquenta barras de prata e às mulheres da mesma idade trinta barras de prata.

As mulheres que trabalhavam em obras não compartilhavam um perfil determinado, havendo casos de viúvas responsáveis pela renda doméstica, moças solteiras em formação, ou esposas de trabalhadores da própria obra. Na Península Ibérica, em particular, a religião era outro fator dissonante, mas não excludente: ainda que empregassem majoritariamente cristãs, também as mouras atuaram nos canteiros de obras a pedido de suas senhoras (CONDE, 2011). Já com respeito às origens, sabemos que a maioria dessas trabalhadoras provinha das classes populares e que não eram contratadas por longos períodos, mas, sim, trabalhavam por diária (ROFF, 2010).

O ambiente doméstico identificado em muitos canteiros, pela presença de famílias inteiras, era ainda mais evidente em outro âmbito: as oficinas. Localizadas junto às residências, as oficinas tornavam-se uma extensão da casa. Ali, as filhas e esposas poderiam aprender e executar os serviços desempenhados pelo homem, bem como supervisionar o trabalho de seus oficiais, aprendizes e demais subordinados na ausência do pai ou do marido. Naquele espaço onde o lar se fundia ao negócio, as mulheres exerciam sua dupla e inesgotável jornada de trabalho. Acerca dos saberes, estes eram regidos por técnicas transmitidas pelo pai aos filhos e à esposa, tal como o mestre as transmitia aos aprendizes, de modo que, ao tornar-se viúva, recomendava-se à mulher que se casasse com um homem de mesmo ofício, tanto para manter a hereditariedade do conhecimento quanto, e principalmente, para assegurar que a posse da oficina se mantivesse em seu nome, não sendo necessário, assim, vendê-la para se dedicar ao ofício e à oficina de seu novo marido (LÓPEZ BELTRÁN, 2010).

Ainda no que diz respeito à formação, não foram raros os casos de pais que assinaram contratos de aprendizagem com artesãos para que suas filhas aprendessem ou aperfeiçoassem determinado ofício. Estas mulheres apareciam nos livros de obras como aprendizes, constando



somente o nome do responsável, na maioria dos casos o pai. Ao final, formavam-se oficiais para atuarem voluntariamente nas oficinas de suas famílias ou, ainda, para tentarem uma oportunidade em determinada obra ou em oficina de terceiros. Em outros casos, em decorrência do contato diário com diversos saberes no interior do canteiro de obras, chegava-se a aprender ali mais de um ofício técnico, tornando-se na prática, ainda que por vias informais, exímias profissionais.

Em seus estudos sobre o tema, Roff observou que, por mais que as funções auxiliares predominassem no labor feminino, houve casos de mulheres que assumiram postos de oficiais e pintoras, além de constarem em documentos de obra e fábrica como fornecedoras de materiais como tijolos, agulhas, tesouras, caldeiras e diversos outros instrumentos de trabalho produzidos em oficinas próprias (PERNOUD, 2000). O mercado da construção civil, tanto relativo às obras quanto à fabricação de meios de produção e fornecimento de matéria-prima, ampliava-se para as mulheres em períodos de guerra ou peste, como é possível constatar ao longo da história, frente à redução da força de trabalho masculina.

Apesar das possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, as funcionárias encontravam limitações e abusos aplicados à sua própria condição feminina. Além da invisibilidade nos registros de obras e do reconhecimento como voluntárias nas oficinas familiares, as mulheres estavam vetadas de “contribuir” com os trabalhos quando estivessem menstruadas, já que se acreditava que poderiam enferrujar os metais, cegar instrumentos de corte, prejudicar os trabalhos de moldagem etc. (ROFF, 2010, p. 117). Em alguns registros de contratos, às mulheres serventes cabia “hacer todos los mandados lícitos y honestos que se le ordenen de día y de noche”<sup>22</sup> (GARCIA HERRERO, 2006, p. 307), o que indica ainda uma jornada de trabalho pouco ou nada delimitada.

Embora os ofícios levados a cabo pelas mulheres nos canteiros de obras apresentassem um padrão, suas funções poderiam ser modificadas de acordo com a região, impedindo que desenvolvessem trabalhos mais exigentes, cujas justificativas remontavam ao discurso da incapacidade física e intelectual da mulher. Ainda assim, os discursos aversos à contratação feminina eram amenizados, as oportunidades se expandiam e a presença da mulher se naturalizava ao se tratar de determinados espaços e condições sociais, nas quais a construção civil representava uma alternativa laboral digna para aquelas que mais necessitavam. A contribuição da nobreza feminina também é digna de atenção. Para além da promoção artística, em alguns casos dirigiram obras como verdadeiras mestras, isso sim se limitando ao trabalho intelectual de gestão e concepção morfológica. Um exemplo destacado é a condessa de Artois, que no século XIV orientou as reformas de seu castelo e sua capela, bem como a construção de um hospital naquela região francesa (ROFF, 2010).

## CONCLUSÃO

Precursor de uma narrativa ofuscada no decurso dos séculos seguintes, o *Livro da Cidade das Damas* não se constituiu em uma idealização absoluta: a obra divulgava e documentava a força de mulheres reais, ressaltando sua aptidão a toda e qualquer função social, fosse ela manual, bélica ou intelectual. Nesse sentido, voltamo-nos às mulheres construtoras, talvez as

---

22 “Fazer todos os mandados lícitos e honestos que as ordene de dia e de noite.”



mais negligenciadas e silenciadas em seu próprio tempo e no decurso historiográfico. Na obra de Christine de Pizan, por mais que não houvesse, dentre as mulheres ilustres citadas, a referência direta a alguma trabalhadora da construção, a autora deixa claro a necessidade de se dominar essa arte. Traz, por outro lado, exemplos de mulheres que se dedicaram a atividades manuais, como a iluminação de manuscritos. Mais que buscar a valorização do trabalho feminino nos canteiros de obras e nos diversos outros espaços laborais, Christine fomentava a expansão das mulheres construtoras a um âmbito superior ao qual atuavam majoritariamente: mais que serventes, a competência feminina poderia elevar as mulheres a contratadas, oficiais e mestras, o que justifica a ênfase na narrativa ao trabalho especializado àquele não especializado e subalterno.

Entre os séculos XIX e XX houve uma restrição, por parte dos estudos históricos, com respeito aos espaços que deveriam ser ocupados pelas mulheres na História, reflexo de uma preocupação com formas de conduta e funções sociais relativas àquele tempo, e não ao medievo. Como destacou Régine Pernoud (2000), a influência da mulher nos séculos X e XI era maior que no século XIX, em decorrência da abolição dos direitos femininos especialmente pelo Código Civil francês, instituído por Napoleão em 1806, que ratificava a situação submissa da mulher no matrimônio. Apesar das limitações, a Baixa Idade Média revelou espaços muito mais convidativos à atuação feminina, também com respeito à construção civil, se comparada aos séculos XVI e XVII, quando a contratação de mulheres e mesmo seu aprendizado foi vetado por lei em regiões como a Alemanha, a fim de privilegiar o trabalho masculino, uma vez que os menores salários pagos às mulheres eram um atrativo à sua contratação. Percebemos, pois, que a “cidade das damas” não foi tão idealizada quanto alegaram seus contemporâneos, fundamentalmente a historiografia tradicional da transição dos séculos XIX e XX: houve mais mãos feminina nas casas, igrejas, pontes e muralhas do que nos informaria a historiografia e do que se intencionou documentar.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

CHRISTINE DE PIZAN. *La Cité des Dames*. 1405. Biblioteca Nacional da França, Paris.

CHRISTINE DE PIZAN. *La Ciudad de las Damas*. Trad.: Marie-José Lemarchand. Madrid, Siruela, 2001. Original publicado em 1405.

GUILLAUME DE LORRIS e JEAN DE MEUN. *El Libro de la Rosa*. Trad.: Carlos Alvar e Julián Muela. Madrid, Siruela, 1986. Original publicado em 1285.

## BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Prudence. *The concept of woman*. The Aristotelian Revolution. Montreal-Londres: Eden Press, 1985.



ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira e ALVES, Luiz Fernando. A poética do amor em “O Romance da Rosa”. *Mirabilia*, n.19, p. 259-283, 2014.

ARISTÓTELES. *Política*. Ed. bilíngue. Lisboa: Vega, 1998.

ARRIAGA FLÓREZ, Mercedes; CERRATO, Daniele. La Querella de las Mujeres en Italia y España. Una revisión bibliográfica. *Revista internacional de pensamiento político*, n.16, p. 125-148, 2021.

BROCHADO, Cláudia Costa. A Querelle des Femmes e a política sexual na Idade Média. *Brathair*, n.19, v. 2, p. 63-91, 2019.

CARDOSO, Leonardo de Lara. O Livro da Cidade das Damas: utopia para as Mulheres? 2016. 81 fls. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CONDE, Manuel Sílvio. As gentes da construção na sociedade Portuguesa. In: SOUSA MELO, Arnaldo Sousa e RIBEIRO, Maria do Carmo Franco (eds.), *História da Construção – Os Construtores*. Braga: CITCEN, p. 75-98, 2011.

DELARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: Idade Média*. V. 2. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média. *SIGNUM – Revista da ABREM*, v. 20, n. 2, p. 24-56, 2019.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. Querelle des Femmes: Mapeamento em Português. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28-42, 2021.

GARCÍA HERRERO, María del Carmen. Las relaciones económicas. In: RIVERA GARRETAS, María Milagros (ed.): *Las relaciones en la historia de la Europa medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, p. 277-344, 2006.

LÓPEZ BELTRÁN, María Teresa. El trabajo de las mujeres en el mundo urbano medieval. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, v. 40, n. 2, p. 39-57, 2010.

PASTOUREAU, Michel. *Breve historia de los colores*. Barcelona: Paidós, 2016.

PERNOUD, Régine. *A mulher no tempo das catedrais*. Lisboa, Gradiva, 2000.

RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. La Política Sexual. In: RIVERA GARRETAS, Maria-Milagros. (ed.) *Las relaciones en la historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, p. 139-214, 2006.

ROFF, Shelley. "Appropriate to her sex"? Women's Participation on the Construction Site in Medieval and Early Modern Europe. In: EARENIGHT, T. (ed.). *Woman and Wealth in Late Medieval Europe*. Nova York, Palgrave Macmillan, p. 109-134, 2010.





SEGURA GRAÍÑO, Cristina. La construcción de la Historia de las mujeres en la Edad Media en los Reinos Hispanos. *Índice Histórico Español*, n. 129, p. 77-93, 2016.

SOUZA, Daniele Shorne de. *A Cidade das Damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV*. 2013. 142 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VARGAS MARTÍNEZ, Ana. Sobre los discursos políticos a favor de las mujeres (El Triunfo de las donas de Juan Rodríguez de la Cámara). *Arenal*. Revista de Historia de las Mujeres, v. 20, n. 2, p. 263-288, 2013.

VILLELA-PETIT, Inès. À la recherche d'Anastaise. *Cahiers de Recherches Médiévales*, n.16, p. 300-316, 2008.

VILLELA-PETIT, Inès. Conférences Léopold Delisle - L'atelier de Christine de Pizan – L'illustratrice (2). In: BNF. *Conferências Léopold Delisle*. Biblioteca Nacional da França, 2020. Disponível em: <https://www.bnf.fr/fr/agenda/latelier-de-christine-de-pizan-lillustratrice-2#bnf-informations-pratiques>. Acesso em: 10/02/2021

